

# **MORBUS SACER**

Carlos Rosão  
2009-06-21

"...No último momento de consciência que antecede a *aura* ele tem tempo para dizer a si próprio, clara e conscientemente: *Sim, para viver este momento, uma pessoa pode certamente dar a sua vida inteira!*"  
Fyodor Dostoievsky (1821 - 1881) – “O Idiota”

Sozinho ao luar.

Há muitas luas atrás estava sentado nesta mesma pedra olhando para o vale onde corre o rio espelhado. Foi há tanto tempo, muito aconteceu entretanto, mas parece que nada mudou...

Tal como antes, o rio continua correndo, rapidamente, pela montanha abaixo, deixando para trás rochas e árvores incrustadas na pele da montanha. A cacofonia do som da água e dos animais nocturnos em colaboração com o brilho da lua criam uma atmosfera verdadeiramente mágica e única.

Sinto, bem no meu cerne, que algo me trouxe de volta a este sítio...

Sou atacado pela estranha sensação que a minha vida foi somente uma viagem de retorno a este local onde acabei agora de "penetrar".

Para trás pouco ficou! Em frente está tudo: uma floresta, com todos os seus habitantes, odores e sons característicos, que se estende pela encosta da montanha rodeando o curso de água que nunca se cansa de correr.

Será da lua? Do rio? Não sei. Mas, subitamente, sou invadido por um batalhão de memórias encadeadas. Esta invasão inesperada provoca uma sensação electrizante que me preenche o peito e transborda para os cinco sentidos, deixando-me confuso e desorientado...

Fome.

Sem acesso a comida, abro a boca e levo a mão direita ao estômago, massajando-o suavemente...

Ainda que de forma passiva, as pedras do chão também me massajam as costas, combatendo a letargia que me invadiu o cérebro.

Apercebo-me, novamente, do som da água a correr e dos cheiros deste familiar local. Penso em voz alta: "Porque estou no chão? Claro! A sensação forte e as memórias... Sim, as memórias invasoras, mesmo cheias de pó, ainda aqui estão. Tenho de as segurar antes que se percam no mar do esquecimento. No entanto a dor de cabeça angustiante, que agora sinto, torna difícil manter na rede as memórias escorregadias..."

O sopro (da vida) vai voltando, a pouco e pouco, e, mesmo de olhos fechados, dou conta de uma luz iluminando-me a cara. Só pode ser a omnipresente Lua... Incrivelmente, lembro-me agora que, quando ele soprou da primeira vez para mim, tal como hoje, a Lua, redonda e amarelada, também me alumiou! Nem o meu choro aquietou o seu brilho intenso e provocante...

Ouçó algo sobrepor-se ao ruído ambiente. Serão vozes humanas? Repete-se o som, mas desta vez mais perto: uma coruja. Felizmente não são pessoas a estragar este paraíso natural. O som da coruja repete-se, cada vez mais próximo, até que sinto a presença física da ave e, graças ao brilho característico da Lua, vejo-a poisar num ramo de um dos inúmeros pinheiros. Parece que ela, querendo que eu contemple as suas penas escuras, escolheu o único ramo iluminado pelo luar...

Levanto-me silenciosamente e aproximo-me, pé ante pé, para apreciar mais de perto a magnificência deste belo animal quando, sem preparação, a coruja olha para mim e dispara um som estridente!

“Como é possível?! Eu já tinha presenciado esta cena antes. Sim, lembro-me perfeitamente deste som, do cheiro e da pose vaidosa da coruja: isto já tinha acontecido antes!” - Estes pensamentos processam-se rapidamente à medida que volto a ser preenchido por uma aura electrizante que me traz todas as sensações do mundo em simultâneo, deixando-me confuso, mas, de certa forma, realizado...

Boca e garganta secas, dor de cabeça terrível e dificuldade em ordenar memórias. É isto que sinto, momentos depois de ter tocado o divino. Será que fico assim por não conseguir atingir este estado sempre que quero, ou será que é alguma punição divina devido a este estado ser proibido para mim? É difícil pensar com a cabeça latejante, mas não irei desistir de tentar compreender...

Volto a ouvir o som, agora um pouco abafado. A bela coruja deixou-se ficar a assistir à minha queda do infinito. Dirijo o olhar para o ramo, tentando de novo focá-la (com uma réstia de esperança da sua imagem despertar de novo a minha transformação), no entanto ela já abandonou aquele lugar. Olho em redor, tentando encontrá-la no meio da vegetação rasteira, no topo das árvores ou a voar perdida no céu nocturno, mas é inútil, ela foi-se, esfumou-se.

Tal como durante quase toda a minha existência estou de novo sozinho com os meus pensamentos. Este estado já não tem segredos: tão próximo de mim mesmo, mas, simultaneamente, tão longe.

Aproximo-me do pinheiro onde a coruja esteve pousada e tacteio o tronco da árvore. Que rugoso que ele é. E o seu cheiro, extremamente fácil de ser apercebido, mas simultaneamente tão exótico. Resolvo arrancar um pouco da "casca" da árvore para levar comigo nesta busca.

Levo-o encostado ao nariz enquanto caminho devagar no sentido descendente do vale. Pondero: "Quem me dera que os meus pensamentos fossem também assim: palpáveis, cheirosos e concretos. Mas eles são tão vagos, tão ambíguos e, por vezes tão longínquos que sinto que não são meus. Sinto que há algo ou alguém aqui dentro que eu não controlo e só se manifesta em certos momentos".

Acompanhado pelo pedaço de árvore - este pensamento concreto - prossigo a minha caminhada absorvendo todos os cheiros que me rodeiam de forma insaciável. No entanto esta atenção redobrada no olfacto distrai-me a visão fazendo com que tropece, desastradamente, numa raiz de carvalho, e caia de boca no chão!

Fico com o corpo um pouco dorido mas espiritualmente aumentado. O sabor da areia que preenche a minha boca é a sensação mais incrível que alguma vez pude experimentar! Que sabor estranho e suave e que textura maravilhosa! Mais um pensamento concreto a desafiar a ambiguidade da minha existência privada e pessoal.

Reparo que a iluminação mudou ligeiramente, por isso, ainda com a boca cheia de areia, dirijo o meu olhar para a rainha dos céus que, tal como suspeitava, apresenta, em toda a sua magnificência, uma tonalidade mais amarelada, denotando uma certa ironia. De certeza que esta “expressão facial” só pode ser dirigida a mim...

Após algum tempo dedicado à digestão de ideias levanto-me e prossigo a viagem pela floresta continuando com sede insaciável de sensações para aumentar a minha existência...

O vale torna-se um pouco íngreme nesta zona por isso sou forçado a prestar atenção ao chão para não tropeçar de novo na minha distração. No entanto esta concentração é apenas momentânea, pois noto que o barulho dos animais acalmou e ouço um barulho forte de água a correr ao longe. Apesar de estranhar este súbito silêncio dos animais nocturnos reencaminho-me agora na direcção de onde me parece ser proveniente o som da água.

“É, muito provavelmente, uma queda de água, mas tenho de averiguar, pois, à luz da lua será certamente um espectáculo imperdível” – penso em voz alta quando subitamente ouço outras vozes misturarem-se com a minha.

Pessoas aqui?! Mas porquê! Só vêm estragar este paraíso natural que parece ter sido construído à minha imagem! Não posso permitir a sua presença...

À medida que a fúria cega me preenche, acelero o passo na direcção de onde provêm as vozes. Alguns segundos depois, começo finalmente a entender o que dizem:

*Fogo verde, névoa no ar,<sup>1</sup>*

*tornas-te luada.*

*Fogo amarelo, tornas-te luada.*

*Vento norte,*

*tornas-te luada,*

Que significa isto!?! Não é uma conversa, parece uma ladainha... Está cada vez mais perto...

*luada engendrada pelo sono, engendrada pelo*

*sonho,*

*luada,*

*névoa branca, tornas-te luada,*

*névoa vermelha, tornas-te luada.*

Não consigo entender o significado destas palavras proferidas em coro. Nem o que faz um grupo organizado de pessoas neste local. Algo está errado neste conjunto de acontecimentos, mas não entendo o quê.

Prossigo, agora em passo de corrida, até que avisto finalmente o rio a correr e, ao fundo, uma queda de água. Liberto alguns arbustos das suas prisões entrelaçadas e espreito por uma fresta para deparar com algo para o qual não estava preparado: um ritual...

É difícil passar para palavras o meu choque e a tensão que corta o ar enquanto ouço as palavras, acompanhadas por gestos teatrais, proferidas em tom fanático por um círculo de homens de capas pretas:

*Desatamos,*

*nove vezes desatamos,*

*desfazemos,*

---

<sup>1</sup> Todos os poemas aqui presentes são uma adaptação do poema Maia “Prece...” mudado para português por Herberto Hélder.

*nove vezes desfazemos,  
aplacamos, Senhor, nove vezes aplacamos.*

No momento em que o grupo faz uma pausa na invocação, o círculo abre-se um pouco e avisto, para meu terror, um homem mais velho, de barbas brancas, segurando o choro de uma criança e elevando-a bem no ar, como se fosse uma oferenda à Lua para, logo de seguida, calar o seu choro enfiando-a bruscamente na água, enquanto grita, quase em transe:

*Uma hora, meia hora, para que saia como uma névoa,  
para que saia como uma borboleta, para que saia.  
Regula-te, pulso grande! Regula-te, pulso pequeno!  
Os dois pulsos numa hora, meia-hora,  
Senhor, assim seja.  
Sais agora, luada, sais agora,  
sobre treze montanhas,  
sobre treze cumeeiras,  
sais ao meio de treze renques de árvores,  
sais ao meio de treze renques de pedras,  
sais agora.*

O silêncio cortante que se segue aos gritos faz-me entender que o ritual está no seu auge e prestes a terminar. Sinto que vão matar a criança.

Os poucos segundos que me permitiram ver a cara da criança, deixaram-me petrificado, branco que nem o granito! Mesmo com apenas alguns meses de idade, consegui reconhecer as minhas próprias feições! Foi este o segredo que originou todas as minhas dúvidas e receios posteriores...

Sou atingido de forma dura e cruel por uma sensação de *deja-vu* arrebatadora e indescritível que me transporta directamente para um estado de consciência alterado. Fora de mim, com os músculos a tremer e com a febre a brotar de todos os poros, atiro-me, guiado pelo instinto, para dentro de água de forma a salvar a criança do seu destino cruel – o meu presente.

Apesar de não saber nadar, desloco-me a uma velocidade incrível dentro de água movido pelo temor de chegar tarde de mais... Já estou tão próximo que inalo a textura acre do cheiro a suor do grupo; este cheiro serve também como combustível permitindo-me forçar a entrada através do círculo e chegar, finalmente, até à origem dos meus conflitos interiores. Seguro o braço do homem de barbas brancas que, ao sentir-se agarrado, olha para mim com ar superior mas não surpreendido. Neste momento reconheço, qual martelo a bater-me, a cara do meu pai! Este choque deixa-me atordoado, no entanto não posso permitir que a criança permaneça debaixo de água. Assim aproveito um resto de energias que me sobra e uso-o para forçar a retirada da criança debaixo de água.

Olho para a minha cara de há muitos anos atrás mas os olhos frios e ausentes fazem-me compreender o pior e cair lenta e dolorosamente dos céus...

Tudo deixa de fazer sentido, excepto a catarata a movimentar-se em sintonia comigo e a Lua contemplando lá do alto...